



A GUERRA PARTICULAR DE LENIN – A DEPORTAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE RUSSA PELO GOVERNO BOLCHEVIQUE

Angela Nucci

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) *

nucci@iar.unicamp.br

Em **The Philosophy Steamer: Lenin and the Exile of Intelligentsia**, originalmente publicado no Reino Unido (Atlantic Books), em 2006 e traduzido para o português por Alexandre Martins (Rio de Janeiro: Record, 2008, 420 páginas), a jornalista e escritora inglesa Lesley Chamberlain¹ resgata, com base nos diários, cartas, memórias e registros soviéticos do GPU, a história ainda pouco conhecida das deportações orquestradas por Lenin em 1922.

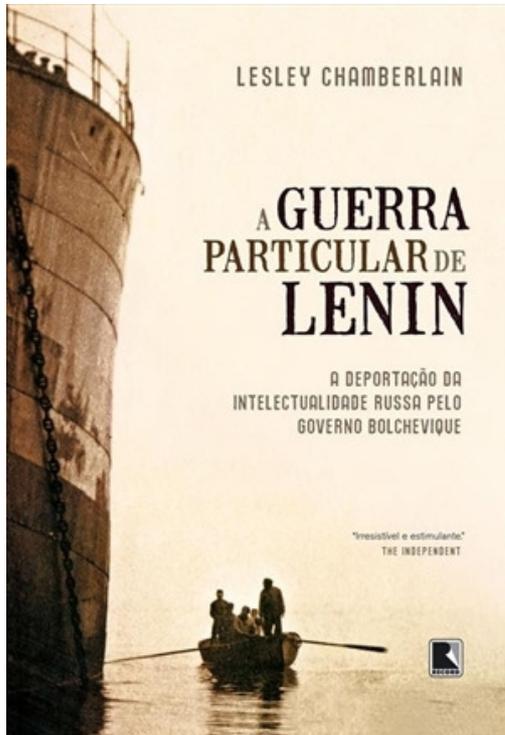
A recusa dos valores espirituais e da tradição filosófica russa foi abertamente declarada no ano de nascimento da União Soviética, quando Lenin decidiu “limpar a Rússia” da herança mística e da oposição ideológica, deportando mais de sessenta representantes da *intelligentsia* russa do período pré-revolucionário juntamente com suas famílias. Em tal episódio, conhecido como Navio filosófico ou Vapor da filosofia, tomaram lugar filósofos, críticos, historiadores, escritores, economistas e artistas, alguns ironicamente conhecidos por sua contribuição para o desenvolvimento do pensamento marxista na Rússia, ou como aponta Chamberlain:

De fato, quase todos os homens que Lenin expulsou tinham passado anos fazendo campanha contra as iniquidades sociais czaristas e o

* Doutoranda em História pelo Departamento de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH/UNICAMP. Mestre em História da Arte pela mesma instituição (2008).

¹ Lesley Chamberlain estudou em Exeter e Oxford tendo trabalhado como correspondente na URSS no fim dos anos 70. Entre seus trabalhos mais relevantes à História Intelectual destacam-se **The Secret Artist: a Close Reading of Sigmund Freud** (2000), **Motherland: A Philosophical History of Russia** (2004) e **The Philosophy Steamer – Lenin and the Exile of Intelligentsia** (2006).

tinham feito publicamente dentro da Rússia, diferentemente do próprio Lenin, que atuara no exterior e clandestinamente ².



Dentre os exilados, muitos escolhidos pessoalmente por Lenin, estavam pensadores proeminentes como os filósofos Nikolai A. Berdiaev, Semion L. Frank, Nicolai O. Losski, Serguei N. Bulgakov, Ivan A. Ilin, Lev P. Karvasin, o historiador e professor Alexander A. Kizevetter, o crítico literário Iuli I. Aikhenvald, o escritor e jornalista Mikhail A. Osorguin, entre outros.

A maior parte das prisões aconteceu em Moscou e Petrogrado na noite de 16 de agosto. Após serem interrogados pelos oficiais do governo, todos os detidos foram acusados de práticas contra-revolucionárias, embora a única acusação real contra o grupo tenha sido a de não compartilharem do pensamento bolchevique.

Em 28 de setembro de 1922, a primeira parcela dos intelectuais com suas famílias foram escoltadas pela guarda soviética até o navio alemão *Oberbürgermeister Haken*. Um segundo navio, o *Preussen*, deixou o país seis semanas mais tarde.

Apesar de não tenha ocorrido violência física, dentro dos navios as condições de alojamento foram severas. Além disto, a cada um dos exilados foi permitido levar apenas duas mudas de roupas, mais as que estivessem vestindo. Suas malas tiveram seus conteúdos inspecionados pelos oficiais da alfândega e foi-lhes proibido levar cartas, ícones, fotografias, ouro ou jóias.

Foi um evento no qual as necessidades e liberdades individuais básicas foram ameaçadas por uma interpretação totalitarista do projeto de implantação do socialismo, uma operação silenciosa, não apenas em sua execução, mas em sua repercussão; um acontecimento abafado e temido durante o período soviético.

² CHAMBERLAIN, L. **A Guerra Particular de Lenin** – A Deportação da Intelectualidade Russa pelo Governo Bolchevique. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 47.

Embora com o fim da URSS e a abertura dos arquivos secretos da *Vecheka*/GPU o tema tenha despertado na Rússia o interesse de vários historiadores contemporâneos, salvo algumas publicações em sua maioria em russo, o livro de Chamberlain é ainda o único disponível àqueles que não leem russo. Antes dela, a história das expulsões foi tratada pelos historiadores russos Mikhail Geller, em 1978 (no artigo **Pervoe predosterzhenie – udar klistom**) e Mikhail Glavatski, em 2002 (no livro **Filosofski parokhod v god 1922-i**) e em 1988, pelo historiador alemão Karl Schlögel (em um dos capítulos de seu livro **Jenseits des grossen Oktober Das Laboratorium der Moderne Petersburg 1909-1921**), além da publicação por V.G. Makarov dos registros do GPU sobre o tema, em 2005.

Inserida na História das Idéias, a abordagem de Chamberlain se diferencia das anteriores em dois pontos principais. Em primeiro, a autora se concentra não no que aconteceu exclusivamente no contexto soviético com as vítimas do Terror Vermelho, mas na trajetória pessoal dos deportados e emigrados em um país “invisível” conhecido como Rússia no exterior, assim como nas “devastadoras consequências humanas” do Vapor da Filosofia, pensando nos significados das deportações no contexto político e intelectual e no que a Rússia da época perdeu com a expulsão de sua *intelligentsia*. Em segundo, tenta demonstrar as premissas ideológicas do Estado totalitário leninista que serviriam de modelo para Stalin anos depois.

Pelas palavras da autora:

Minha abordagem admite que as expulsões, fruto tanto da astúcia política de Lenin quanto de sua visão, foram um ato relativamente suave em uma época má. Seu plano de “racionalizar” a Rússia e criar um estado moderno eficiente implicava destruir todas as escolas de pensamento opostas ao bolchevismo e, prioritariamente, remover os pensadores religiosos que apelavam à consciência individual do povo. Foi um projeto totalitário. Mas Lenin, que sabia que o Ocidente estava atento, disfarçou sua verdadeira natureza garantindo, neste caso, a remoção não-violenta dos filósofos.³

Em síntese, o livro apresenta um amplo panorama da Rússia na qual vivia e havia se formado a *intelligentsia*, seguido de um estudo do contexto político e das estratégias de Lenin que tornaram as expulsões legais e ideologicamente “justificadas” frente à opinião pública russa e frente à imprensa ocidental. Grande parte do texto é dedicada à trajetória dos intelectuais em Berlim, Praga e Paris, e às suas realizações

³ CHAMBERLAIN, L. **A Guerra Particular de Lenin**: A Deportação da Intelectualidade Russa pelo Governo Bolchevique. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 15.

acadêmicas e científicas, assim como aos dramas pessoais de deslocamento e inadequação social, pobreza e mais uma vez, perseguição e fuga da Guerra na Europa.

No decorrer do livro, a autora destaca dois dos frutos diretos da emigração russa no Ocidente: a abertura em Berlim, em 17 de fevereiro de 1923, do Instituto Científico Russo (RNI), que teve Iassinski como diretores, e a publicação entre os anos de 1925 e 1940 da revista **Put (O Caminho)**, que se constituiu como um dos meios mais proeminentes de divulgação e influência do pensamento religioso russo no exterior tendo a sua frente N. Berdiaev, além da participação do escritor Aléxis Remizov, do linguista Nicolai Trubetskoi, do historiador Georges Fedorov e do padre Alexandr Eltchaninov.

Embora não muito conhecidos pelo grande público hoje em dia, os deportados eram figuras altamente qualificadas da Rússia da época, que escreviam a maioria dos livros e artigos de jornais e ocupavam cargos de destaque em universidades e institutos de pesquisa ou prestavam serviços especializados ao Estado. Apesar disto, os homens que Lenin pôs no ostracismo tornaram-se adversários políticos aos olhos do regime socialista, pois contrários ao materialismo, acreditavam na importância de valores morais e religiosos como base para as reformas sociais do país.

Em contrapartida, o projeto arquitetado por Lenin era o de eliminar todos os opositores ideológicos que defendiam valores considerados prejudiciais não apenas à formação de um Estado moderno na Rússia, mas que ameaçavam o poder por se apresentarem como reais lideranças concorrentes ao partido, visto que as tradições do cristianismo e do misticismo russo constituíam ainda uma forte oposição ao pensamento marxista.

Nesse sentido, o episódio é sintomático em relação ao embate entre duas correntes de pensamento opostas. De um lado (o de Lenin), uma espécie de retomada do pensamento Iluminista fundado no apreço pela razão e pela ciência e em um ideal materialista de modernidade, assim como na rejeição do misticismo e espiritualismo; correntes consideradas obsoletas e prejudiciais ao novo Estado. Do outro, pensadores que acreditavam em valores transcendentais, intuição, criatividade, idealismo, fé e acima de tudo, liberdade individual.

Como aponta Chamberlain, as deportações tornaram-se públicas em 31 de agosto de 1922 através de uma reportagem de primeira página do *Pravda* intitulada **O primeiro alerta**. A história foi noticiada simultaneamente no Ocidente, mas as

deportações figuraram, sobretudo frente à imprensa estrangeira, como um ato ironicamente misericordioso em relação aos indivíduos considerados indesejáveis pelo partido bolchevique. Isto porque, apesar de presos e submetidos a interrogatórios, grande parte dos exilados relata em suas memórias que a ação não teve caráter violento, embora o fuzilamento sumário a qualquer um que retornasse a União Soviética sem permissão fosse garantida (antes de partir, os deportados foram obrigados a assinar documentos confirmando tal sentença).

Evidentemente, Lenin estava preocupado com a imagem do país no exterior e com o reconhecimento internacional da União Soviética pelo Ocidente; mais um massacre na história russa atrairia sem dúvida comoção e severas oposições dos governos e da imprensa internacionais.

Por outro lado, era evidente que até 1922 não havia argumento legal que justificasse uma deportação sem julgamento algum, ainda mais de um número considerável de indivíduos. Mas Lenin, servindo-se de sua formação de advogado, legalizou as deportações uma semana antes das prisões ao alterar uma única cláusula no artigo 57 do Código penal, no qual o exílio no exterior pudesse ser oferecido como uma alternativa misericordiosa por parte do Estado aos desertores ideológicos do regime, que por este aspecto, poderiam ser condenados à morte.

Segundo Chamberlain, a “revisão do artigo 57 era coerente no sentido que dava a Lenin a possibilidade de mostrar suas faces gêmeas de terror e clemência simultaneamente, internamente e no exterior”.⁴ Neste sentido, como questiona a autora “ainda há muito a ser corrigido sobre quem se opôs a revolução e por que?”. Por sua vez, o episódio do Vapor da Filosofia evidencia como os bolcheviques foram hábeis manipuladores da opinião pública, inclusive no Ocidente, conquistando simpatizantes e controlando a visão histórica sobre o regime.

Frente a uma estimativa de 20 milhões de pessoas assassinadas pelo regime stalinista, talvez seja possível entender a relativa escassez de pesquisas, análises e, por consequência, o geral desconhecimento sobre a história das deportações. No entanto, dentre as contribuições do trabalho de Chamberlain está a de evidenciar o episódio como “um capítulo negligenciado da biografia de Lenin”, que ajuda entender seu talento

⁴ CHAMBERLAIN, L. **A Guerra Particular de Lenin: A Deportação da Intelectualidade Russa pelo Governo Bolchevique**. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 89.

tático e calculista e, acima de tudo, colocar abaixo a idéia de que o terror e o totalitarismo stalinista tenham sido desvios da ideologia leninista.

Como Chamberlain tenta demonstrar, o “primeiro alerta” foi, na verdade, dado por pensadores como N. Berdiaev. A crença inveterada na razão, no materialismo e no progresso parecia ao grupo de intelectuais banidos um caminho perigoso para a selvageria, que forneceu as bases para a formação de um estado totalitário e mais abertamente cruel sob a direção de Stalin.

